

Sentir
& Saber

António Damásio

Sentir
& Saber

A CAMINHO DA
CONSCIÊNCIA

TEMAS E DEBATES

Círculo-Leitores

1

O formato do livro que se prepara para ler tem uma origem curiosa e deve muito a um privilégio de que há muito gozo e a uma repetida frustração. O privilégio consiste no facto de ter sempre contado com espaço abundante para explicar ideias científicas complexas, empregando o vasto número de páginas de um típico livro de ensaio. A frustração tem origem nas conversas que ao longo dos anos tenho tido com numerosos leitores que me deram a saber que certas ideias, às quais dediquei tanto entusiasmo e que tanto queria dar a conhecer e a apreciar, se perderam no meio de longas apresentações, mal sendo notadas, e muito menos

saboreadas. Em tais ocasiões, tenho reagido com uma decisão firme mas sempre adiada: escrever *apenas* sobre as ideias que mais me interessam omitindo tudo o resto. Ou seja, fazer aquilo em que os poetas e os escultores que mais admiro são mestres: desbastar o que não é essencial, e continuar a desbastar; praticar a arte do *haiku*.

Quando o meu editor da Pantheon, Dan Frank, me sugeriu que escrevesse um livro breve e conciso sobre a consciência nunca poderia ter imaginado um autor tão recetivo e entusiástico. Uma vez que não é *apenas* sobre a consciência, o livro que o leitor tem nas mãos não é exatamente aquilo que me foi encomendado mas anda perto. É impossível compreender o que é a consciência e como ela se desenvolveu, sem primeiro abordar uma série de questões importantes no universo da biologia, da psicologia e da neurociência. Antes de chegarmos ao saber, é preciso percorrer o ser e o sentir.



O presente livro centra-se em perguntas decisivas para a compreensão do ser humano e do seu lugar na história da vida. As respostas a essas perguntas não são fáceis mas a ciência e a reflexão filosófica podem ajudar a sua abordagem.

A primeira pergunta prende-se com as *inteligências* e com as *mentes*. Sabemos que os organismos vivos mais numerosos no nosso planeta são seres unicelulares, como as bactérias. Serão inteligentes? Deveras, e a um nível impressionante. Terão mente? Não, julgo que não terão nem mente nem consciência. Por certo que são seres vivos autónomos e que contam com uma certa forma de «cognição» relativa ao ambiente em que se encontram. Mas em vez de se servirem de mente e de consciência, dispõem de *competências não-explicitas* – baseadas em processos moleculares e submoleculares – que lhes regem a vida de modo eficiente, de acordo com os ditames da homeostasia.

E quanto aos seres humanos? Será que contamos apenas com a mente e nada mais do que ela? Não é o caso. Dispomos de uma mente, claro, habitada pelas

representações sensoriais a que chamamos imagens mas contamos ainda com as competências não-explicitas, tão úteis aos organismos mais simples. Somos regidos por dois tipos de inteligência assentes em dois tipos de cognição. O primeiro é aquele que desde há muitos anos os seres humanos estudam e apreciam, baseado no raciocínio e na criatividade, e que depende da manipulação de representações explícitas que conhecemos como imagens. O segundo tipo é a competência não-explicita, oculta, que acabei de descrever para as bactérias, a variedade de inteligência de que a maior parte das formas de vida terrestre sempre dependeu e continua a depender.

O problema da inteligência e da mente lembra-nos uma outra oposição, presentemente e em grande medida resolvida: *a escolha, se não mesmo a guerra, entre o sentimento e a razão*. Seremos criaturas pensantes que também sentem ou criaturas dotadas de sentimento que também conseguem pensar? A resposta é clara. Vivemos a vida a sentir, ou a raciocinar, ou ambas as coisas, dependendo daquilo que nos é exigido pelas circunstâncias. A natureza

humana serve-se de toda esta gama de tipos de inteligência, explícita e não-explícita, bem como do uso do sentimento e da razão, quer sozinhos, quer a par. Trata-se, como é óbvio, de uma extraordinária capacidade intelectual, embora nem de longe seja suficiente para que sempre nos comportemos de forma decente para com os outros seres humanos, e ainda menos para com os outros seres vivos.

A segunda pergunta prende-se com a capacidade de sentir. *Como conseguimos sentir prazer e dor, bem-estar e doença, felicidade e tristeza?* A resposta tradicional é bem conhecida e banal: é o cérebro que nos permite sentir, sendo apenas necessário investigar os mecanismos específicos por detrás de cada sentimento específico para que tudo fique esclarecido. Contudo, o que me motiva não são as correlações químicas e neurais de cada sentimento específico, uma questão importante que a neurobiologia tem vindo a abordar com algum sucesso. O meu objetivo é diferente. Pretendo estudar a disposição biológica que nos permite *experienciar na mente* um processo que decorre no *reino físico do*

corpo. Essa pirueta curiosa – do corpo físico para a experiência mental – é tradicionalmente atribuída ao trabalho do cérebro, nomeadamente à atividade dos dispositivos físicos e químicos a que chamamos neurónios. Embora seja clara a necessidade de um sistema nervoso para que se realize tão notável transição, *não há qualquer prova de que o sistema nervoso a consiga realizar sozinho*. A pergunta continua sem resposta.

Apresento aqui várias observações que ensaiam o que, espero bem, venha a ser uma resposta cabal. Um aspeto importante da minha solução prende-se com as características anatómicas e funcionais únicas do sistema nervoso interocetivo – o sistema responsável pela comunicação entre o corpo e o cérebro. Tais características são radicalmente diferentes das que encontramos nos outros canais sensoriais e, embora algumas dessas características até tenham sido documentadas, o seu significado tem sido menosprezado. Não obstante, elas ajudam a explicar a peculiar fusão de «mensagens corporais» e «mensagens neurais» que nos permite experienciar o corpo.